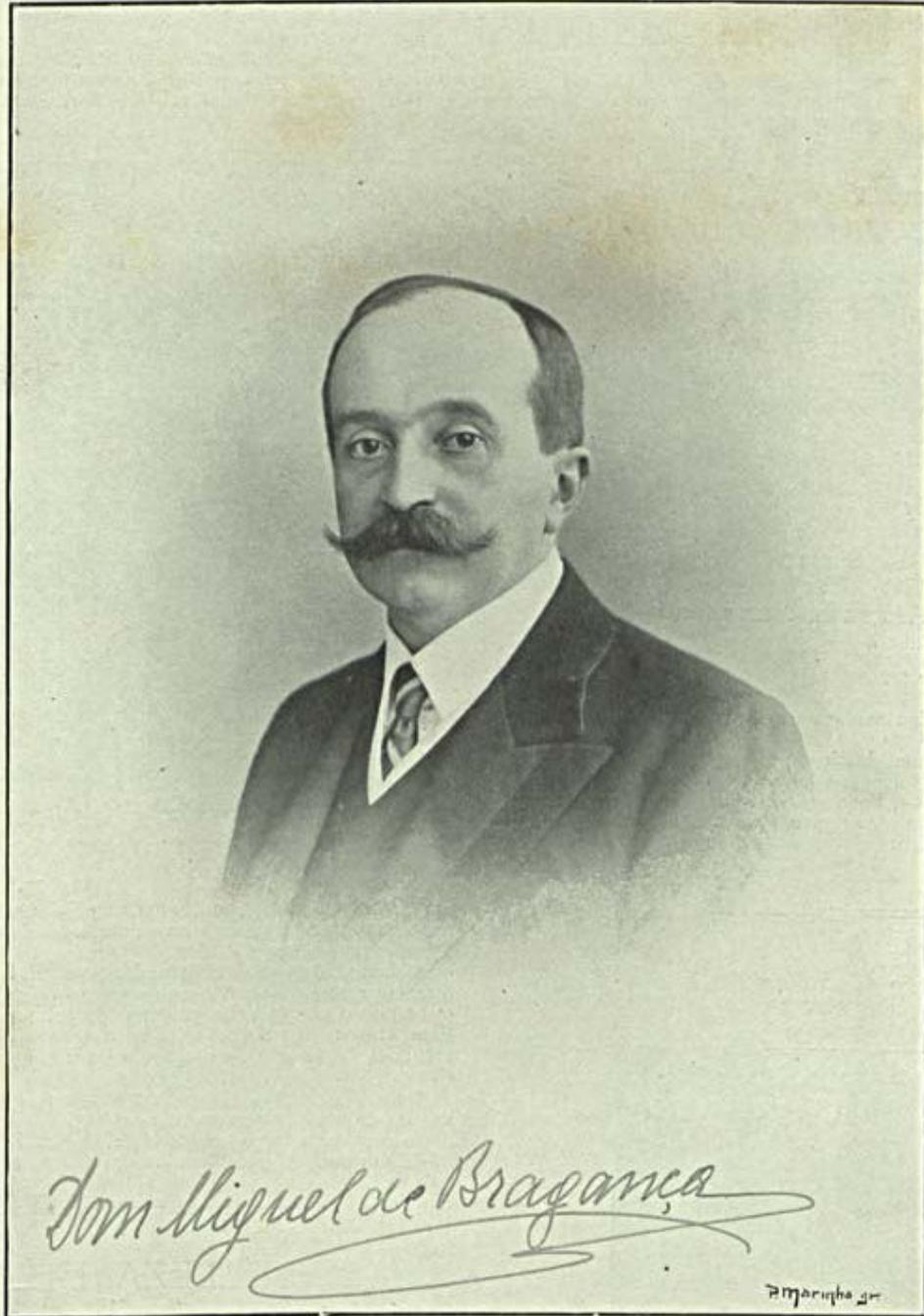


BRASIL - PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1907

N.º 209

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 59 — Lisboa.



D. Miguel de Bragança

O *Brasil-Portugal* presta sempre homenagem a todos os grandes vultos que, tanto em Portugal como no estrangeiro, se afirmam pela nobreza das suas acções ou pelo valor das suas crenças ou dos seus sentimentos. Sem querermos portanto saber se D. Miguel de Bragança, cujo anniversario natalicio acaba de passar em 19 de setembro, representa uma esperanza politica, bem ou mal fundada, para uma parte da nação portugueza, sem discutirmos os seus ideaes que nos merecem respeito como tudo quanto é sincero, as nossas palavras visam apenas a prestar preito a um portuguez e a um amigo de Portugal. Correspondendo-se amindadas vezes com os seus amigos que aqui sustentam os seus principios politicos, D. Miguel de Bragança fal-o sem palavras de odio para ninguem e sempre com expressões de interesse e de cariz pelo nosso paiz. Isto basta para o impôr a nossa consideração de patriotas mas, se ainda não fosse o sufficiente, bastaria, para que assim succedesse, o pensarmos q. . . vivendo exilado e não distribuindo mercês, grande valor deve ter quem dispõe de tão fieis partidarios n'esta terra onde os acontecimentos duram tres dias e onde só tem merito quem dá. Collocando o seu retrato no logar de honra do nosso jornal, prestamos uma homenagem ao príncipe que lá fóra, no exilio, recebe todos os portuguezes sem inquirir primeiro se professam ou não os seus ideaes politicos e até muitas vezes sabendo que, pela situação que occupam na sociedade portugueza, não podem deixar de lhe ser adversos.

Nota biographica — D. Miguel de Bragança nasceu nos 19 de setembro de 1853 no castello de Heubach, na Allemanha, sendo baptisado pelo respeitavel Bispo da Guarda, D. Joaquim Pacheco e Sousa. Teve por perceptor o dr. Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, um portuguez modelo de fidelidade e de honradez. D. Miguel de Bragança foi educado no collegio de S. Clemente, em Metz. Concluido aqui o seu curso matriculou-se na universidade de Insprunk onde se formou em sciencias naturaes. Mais tarde, assentou praça n'um regimento de cavallaria austriaca, ganhando rapidamente um elevado posto. Em 1870, por occasião da revolução italiana, D. Miguel, não obstante a sua pouca idade, apresentou-se em Roma vestido de zuavo pontificio, offerecendo a sua espada a Pio IX. Em 1890, quando a Inglaterra nos mandou o celebre *ultimatum*, D. Miguel, em carta dirigida ao povo portuguez, offereceu a sua espada para, como simples soldado, desaffrontar o brio da Nação. D. Miguel de Bragança casou em primeiras nupcias com a princesa D. Isabel Maria Maximiliana de Thurn e Taxis de quem teve tres filhos — os principes D. Miguel e D. Francisco José e a princesa Maria Theresa. Em segundas nupcias, em 8 de setembro de 1893, casou com sua prima a senhora D. Adelaide Maria Theresa de Loewenstein Wertheim Rochefort e Rosenberg de quem tambem tem descendencia. Em 11 de março de 1890, D. Miguel de Bragança visitou Portugal pela primeira vez, debaixo de rigoroso incognito.

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Linda figurinha de Saxe, elegante, gracil e *mignonne*, cheia de uma grande vivacidade que se espelha rutila nos olhos esportos, ladinos; possuidora d'um encantador sorriso finamente malicioso, impondo-se á admiração de todos pelo seu trato fidalgo, esmerada educação e radiosa belleza, D. Palmyra da Camara Leme,



A sr.^a D. Palmyra da Camara Leme

(Cliché de Vidal & Fonseca — Lisboa).

é sem contestação uma das senhoras mais interessantes da nossa sociedade.

Já d'ella e de sua sympathica irmã, alguém d'espírito disse, parecerem duas elegantes e formosas embarcações a que não faltavam nem — *camara nem leme* —. Faço ardentes votos para que possa, no procelloso mar da vida, chegar sempre a porto e salvamento, guiada por mãos de habil timoneiro.

Scormann.

Os filhos dos srs. Condes de Villa Verde



D. Maria e D. Antonio

(Cliché de Vidal & Fonseca — Lisboa).

EM FÓCO

Pertence o perfilado a uma geração restricta de *sportsmen*, dos que fazem da vida uma obra perfeita, no que ella se refere á actividade fisica e consequentemente á actividade moral.

Areia Larga, surpreendido uma vez, n'um dialogo occasional, n'um jantar de amigos, n'um passeio atravez as paisagens exuberantes de Cintra — o seu exilio predilecto — desvenda-se desde logo uma alma integrá n'um caracter perfeito. Na sua vida predomina o sentimento emocional, apaixonou-se por um quadro, por um aspecto rustico, por uma anecdota, e dentro da sua paixão palpita e estremece a nota instinctiva da belleza.

Objectivista por temperamento e por imposições perpetuas do meio, a exteriorisação encanta-o, e, d'ahi a sua predilecção pelos festivaes da alta roda, partidas de *tennis*, records photographicos, (as suas colleções fixam valiosos pormenores para se deduzir de



Barão de Areia Larga

(Cliché de J. Fernandes — Lisboa).

um temperamento), e, muito em especial a sua estada longa em Cintra, sentindo a paisagem, as exuberancias dos panoramas como Byron as enalteceu e cantou.

Derivando as suas actividades para mil futilidades bellas, intelligencia que se dispersa, sentimento que se prodigaliza, se tivesse orientado o seu espirito para as letras, por exemplo, seria um artista, cultivando a forma á maneira de certos buriladores de periodos rythmicos e sonoros, e na poesia seria um parnasiano á maneira de Crespo.

Se um lindo perfil de mulher passar ante os seus olhos, elle curva-se, e, diz n'uma reverencia gentil, á seculo XVIII:

— Agradeço-lhe o ser tão bella.

E' um perfeito gentilhomem.

Ego.

BELLEZA ETERNA

Quantas vezes eu tento imaginar
O que hade ser da tua formosura
Quando o tempo se fôr com a frescura
Do teu lindo perfil que não tem par;

Começarão as brancas a alvejar
Na tua tranca luminosa, escura,
E hade ter vincos tua face pura
E, talvez, menos brilho o teu olhar.

Mas feia e velha, não!... isso jamais!
Contra ti são inúteis os sinaes
Que o tempo faz com sua garra adunca.

Contigo a idade lutará em vão,
Que essa belleza vem do coração
E o coração não envelhece nunca!

Gomes Sanchez.

O Conde de S. Martinho

Falleceu, no dia 11 de agosto ultimo, á uma hora da madrugada, no seu palacio do largo do Siqueira, 7, da cidade de Lisboa, com todos os sacramentos e nos braços de seu neto mais velho, Ascenso Ignacio de Siqueira Freire, ajudando-o a segurar o Crucifixo, entre as mãos, sua nora, a senhora D. Carlota Isabel de Sales da Camara de Figueiredo Cabral, filha dos terceiros condes de Belmonte, e com a assistencia de suas piedosissimas esposa e irmã, a santa condessa de S. Vicente, filhos, noras, genros e do seu dedicado e estimado amigo, o reverendissimo prior d'Abrigada, e com o socego do justo, o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ascenso Antonio da Madre de Deus de Siqueira Freire de Souza Chichorro de Abreu Magalhães Cardozo Castro Calvos Vaz Martins do Quental Serniche, terceiro conde de S. Martinho, desde os quatro annos de idade.



Conde de S. Martinho

† em 11 de agosto de 1907

seus principios de fé politica, herdou de seus nobres paes, a crença, a seriedade e a gentileza d'aquella antiga aristocracia que teve sempre por timbre e brazão o preto ás instituições, o respeito a si e aos outros e a dedicação á patria até ao sacrificio.

Morto seu ex.^{mo} pae, quando apenas o hoje chorado fallecido contava quatro annos, foi lhe disvellada educadora sua bôa e resignada mãe, coadjuvada por seu cunhado, sr. José Antonio de Siqueira, honradissimo e respeitavel fidalgo. Escolheram-lhe abalizados professores e de tal escola de virtude, de firmes principios e de solida instrução, se sahio tão ajustado e eximio que nunca vacillou sequer no amor da religião, nem na senda da legitimidade de que seu pae lhe deixara o exemplo no sacrificio da propria vida.

Na regencia do sr. D. Miguel recebera a confirmação do titulo de conde, e n'esse preto se manteve sempre fiel e inalteravel.

Como que imitando aquella seu ascendente Martim de Souza Chichorro que, a nado, passou a cavallo o Douro para levar, gloriosa e segura, a Bandeira das Quinas ao Principe D. João, segundo do nome depois, na batalha do Toro, visitou muitas vezes, no exilio, a familia real proscripta, algumas representando o seu partido ao qual prestou sempre grandes e valiosos serviços.

Foi sempre muito caritativo, como catholico que era, e sem o menor alarde distribuia mais que muitas esmolhas; e era tão de palavra e de tanta gentileza de acção que entre a antiga nobreza e entre todos que de perto o conheciam, passava por axioma e norma segura a seguir o que dissesse ou aconselhasse o conde de S. Martinho.

Era o conde muito illustrado e de clara intelligencia, falando com correcção e primor varias linguas que apreciava, sem esquecer o latim que muito conhecia e traduzia bem. Era contado como bom conversador, ameno e mesmo chistoso e era muito correcto e fido de linguagem portugueza. E até no ensinamento a seus filhos era levantado na forma de dizer, ou de escrever, como observei uma vez que elle escrevia a um d'elles que, chegando a uma quinta proxima, demorara por quarenta e oito horas a visita a seus paes, por estar d'alli ausente sua estremecida esposa: "Grande rasgo de amor filial é esse seu que o leva a demorar por dois dias a visita a seus paes, estando d'elles tão perto!",

Deixa viuva a ex.^{ma} condessa D. Maria Domingas Manuel de Siqueira, sua prima c'o irmã, excelsa e virtuosissima dama que lhe foi devotadissima esposa, e que, como mãe carinhosa, toda se enfiou exclusivamente, á direcção da esmerada educação de seus filhos e ao governo da sua grande casa.

Neto paterno de uma senhora da casa de Belmonte, a ex.^{ma} senhora D. Maria das Necessidades da Camara de Figueiredo Cabral, irmã do primeiro conde de Belmonte, filhos de D. Pedro da Camara de Figueiredo Cabral e de D. Marianna de Menezes, elle decimo quinto senhor de Belmonte e de Santo André, muito avaliara o que fôra escripto em prova da representação de Pedro Alvares Cabral na pessoa do seu genro, D. José Maria da Camara de Figueiredo Cabral que muito estimava, bem como ao outro genro sr. José da

Cunha Lorena e Tavora (S. Vicente); e é mais que terminante, e mesmo graciosa, a forma como, em bilhete, emittiu a sua opinião e agradeceu a offerta do trabalho em folheto: elle que tanto se interessava pelos trabalhos historicos e que em historia era tão versado!

"A V. agradece, penhoradissimo, Ascenso de Siqueira Freire a excellentes obra que lhe enviou acerca do descobridor do Brazil, Pedro Alvares Cabral, em que se prova á evidencia que o representante d'aquelle heroe é D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara."

Quinta do Bairro, 19-8-1900.

Fôra do seu predilecto solar do Bairro, concelho de Alemquer, o prostrou uma pertinaz pneumonia, por quicá lhe não accudiu bem o coração, muito e muito sangrado, ultimamente, pela dôr acerba que lhe causara a inesperada morte de dois filhos, como pae extremosissimo que sempre fôra.

Sempre cortez e primoroso, quando agora, nos ultimos dias de sua doença, seu filho mais novo, Ruy Vaz de Siqueira, por indicação medica, attentos os sentimentos religiosos da ex.^{ma} familia, lhe perguntou se desejava receber os sacramentos, respondeu que da melhor vontade estava disposto, e, pegando na mão do filho, lh'a beijou, dizendo agradecer-lhe assim aquelle valioso serviço

E assim morreu tão exemplarmente piedoso e bom, como fidalgamente amavel, aquelle que no fim da sua vida poudo tambem merecer a sagrada phrase da Escripura: *Justum deduxit Dominus per vias rectas.*

Belmonte.

Pires da Silva.

Egrejas, mosteiros e capellas



No Porto. — O convento da Ace Maria

(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

Opulenta habitação claustral das religiosas beneditinas, que desde 1518 constituia para a vida portuense um dos vestigios do ascetismo monachal, esse convento que revelára uma das liberalidades do rei D. Manoel e foi residencia muito frequentada pelas mais distinctas familias da cidade, deixou de funcionar desde o anno de 1892 em que falleceu a ultima freira alli professa e foi depois expropriado e demolido para, no local que occupára, se estabelecer a actual estação central do caminho de ferro (linha urbana).

Afundaram-se no olvido as bellas paginas da chronica religiosa d'este cenobio piedoso; evolou-se o prestigio das suas mais distinctas tradições; perdeu-se a recordação faustosa das suas solemnisações e até a poetica lembrança dos seus abbadessados!

Poucos restam já d'esses poetas que alli *pediram mote* ás filhas da religião de S. Bento e *glosaram*, applaudidos e festejados pela *selecta assistencia*, como em comentario usavam dizer os jornaes dos ultimos tempos, quando Camillo, Guilherme Braga, Alexandre Braga, Soares de Passos, Guerra Junqueiro, Sousa Viterbo, Alberto Pimentel, J. Dias d'Oliveira, Pinheiro Caldas e tantos outros animavam estas festas.

Hoje o silvo da machina substitue o badalar do campanario, os *wagons* tomaram o lugar das mysteriosas habitações das freiras, o movimento de passageiros e mercadorias atordôa em sua viva actividade aquelle espaço onde reinou, desde 1527 até 1892 a paz claustral.

Tresentos e sessenta e cinco annos durou a serie de exercicios mysticos n'esta casa religiosa e n'esse espaço quantos successos se desdobraram no plano da historia? Na epocha do venturoso rei que, em notaveis liberalidades, deixou assignalado o seu espirito religioso e o seu genio artistico, quiz D. Manoel reunir n'este mosteiro as freiras dos conventos de Tuías, Rio Tinto, Villa Cova e Tarouquella e ordenou em 1518 a construcção que D. João III concluiu em 1527.

As transformações por que passou o edificio, no seu desenvolvimento atravez de tres seculos, e a modificação que teve em 1783, quando um violento incendio destruiu a igreja e parte dos dormitorios que havia sobre o claustro, deram em resultado que da primitiva

tiva architectura poucos vestígios restavam já na occasião em que foi demolida; mas o que havia perdido na recordação artistica foi compensado pela apreciavel situação em que estava, dado o desenvolvimento que a cidade tomou para fóra das antigas muralhas, pela abertura das novas ruas e animação do commercio em que o velho burgo portuense se expandia progressivamente.

Extinctas as ordens religiosas em 1834, mas ficando ainda em clausura as senhoras que haviam professado até essa data, veio este convento a extinguir-se pelo fallecimento da ultima freira, 58 annos depois de publicado o decreto que feriu as instituições monasticas.

F. J. Patricio.

A conferencia da paz

A paz em absoluto é um ideal impossivel de realizar. Foi assim que se expressou o sr. Nelidow, embaixador da Russia, no momento de inaugurar a segunda conferencia da paz, realisada, como a primeira, na Haya.

Não foi talvez bastante diplomata porque a occasião não era para tanta franqueza, mas foi profundamente verdadeiro o delegado russo. Disse evidentemente o que sentia. Com effeito a existencia de uma humanidade tão intelligente e tão pacifica que saiba e queira resolver, em ameno caváco, as suas questões, constitue um ideal de tal forma que nós — a humanidade do seculo xx — não o podemos comprehender nem attingir em toda a sua immensa extensão.

Nós que vivemos n'um tempo em que as primeiras nações da Europa, aquellas que marcham evidentemente á frente do movimento intellectual, não descobriram ainda outro meio de espalhar a civilisação entre os povos da Asia e da Africa senão a guerra, nós que vivemos n'um tempo em que ha quem passe uma parte da vida a estudar para seguir a carreira das armas, nós que estamos acostumados a ver que de nação para nação mudam as linguas, mudam as bandeiras, são outros os usos e outros os costumes, nós que sabemos que cada um se vangloria de ter nascido n'este ou n'aquelle paiz poucas vezes porque elle conta maior numero de sabios e quasi sempre porque a sua historia aponta grande numero de feitos epicos, nós que nos sentimos estremecer de enthusiasmo quando ouvimos uma marcha marcial ou um hymno guerreiro, não podemos evidentemente comprehender como possa realizar-se o ideal de uma paz universal, como é que poderá dispensar-se o emprego da força, quando é certo que, presentemente, os estados só não usam d'ella quando a não tem ou quando a questão que se debate lhes interessa pouco.

Não quer isto dizer que a reunião da segunda conferencia da



A conferencia da paz

O Marquez de Soveral, delegado portuguez

paz não seja um facto importante nem que a humanidade não venha, mais tarde, a colher resultados beneficos na sua realisação.

Não se tratou de assegurar uma paz eterna e universal. Comprehendendo os delegados de todas as nações que isso é, pelo me-



A conferencia da paz

A rainha da Hollanda e o principe consorte

nos por emquanto, impossivel, puzeram de parte esse problema e cuidaram da forma de evitar a guerra em muitos casos e tanto quanto possa ser.

N'este sentido cabem as maiores honras ao delegado portuguez, sr. Marquez de Soveral, cuja proposta de arbitragem, obrigatoria em certos e determinados casos, exceptuando aquelles em que a honra, a independencia e os interesses vitais de uma nação estão em jogo, obteve os mais calorosos elogios.

Segundo essa proposta, a arbitragem será obrigatoria nos casos de contestação de tratados de commercio e de navegação; de convenções relativas á protecção internacional dos trabalhadores; de convenções postaes, telegraphicas, telephonicas, de cabos submarinos, de caminhos de ferro; de convenções preventivas de chapas maritimas; de convenções relativas á propriedade litteraria e artistica e industrial; de convenções relativas ás sociedades commerciaes; de convenções monetarias e metricas; de convenções relativas á assistencia gratuita e reciproca de enfermos indigentes; de convenções sanitarias; de convenções de direito internacional privado; de convenções de processo civil e penal; de convenções de extradição e privilegios diplomaticos. A arbitragem ainda será obrigatoria para os casos de regulamento sobre terreno das fixações de limites; de contestações relativas a reclamações pecuniarias de indemnisação quando esse principio esteja reconhecido; de questões de dividas, etc.

Por esta proposta se vê quanto foi importante o papel representado pela missão portugueza na segunda conferencia da paz, quanto elle teve de honroso para Portugal, mesmo que a proposta dos seus delegados não alcance por completo o resultado que tem em vista.

Não foi como muitos suppõem um fim simplesmente humanitario, mas sim o interesse nacional, que levou o imperador da Russia a propôr ás potencias a reunião da primeira conferencia da paz.

Foi em 1898 que o general Kouropatkine, então ministro da guerra, fundando se na theoria de que duas nações que em tempo de paz tivessem um armamento valendo por exemplo de 6 não diminuiriam relativamente o seu poder reduzindo esse armamento a 3, se lembrou de propôr á Austria para que ella e a Russia fizessem uma redução n'estes termos. Witte e Mouraviev foram porém de opinião que uma tal medida, para ser efficaz, precisaria estender-se a todos os estados e d'aqui veio a origem da primeira conferencia da paz cujo programma, resumido, era o seguinte:

1.º — Pôr termo ao augmento progressivo do armamento;

2.º — Procurar resolver por meios pacíficos as questões internacionais.

Como armamento não deve entender-se apenas as espingardas e os canhões. A situação geographica de qualquer paiz, o espirito guerreiro dos seus habitantes, a organização do exercito e da armada, as vias de comunicação, etc., tudo isto forma um todo a que genericamente se dá o nome de armamento.

Como se isto fosse pouco, a difficuldade do problema ainda era augmentada pelas suas consequencias, uma das quaes era o encargo que resultaria para o estado em virtude dos milhares de operarios que ficariam sem trabalho desde que o desarmamento fosse resolvido.

Como de todos é sabido da primeira conferencia da paz nenhum beneficio resultou para a humanidade a não ser o de dar origem á segunda, realisada, como a primeira, por iniciativa do Tzar.

A rainha da Hollanda, cujo retrato publicamos, chama-se Guilhermina Helena Paulina Maria.

Quando apenas contava dez annos de idade perdeu seu pae, o rei Guilherme III, sendo desde então a soberana dos hollandezes, sob a regencia de sua mãe a rainha Emma.

Os hollandezes teem uma verdadeira «doração» pela sua soberana cujo patriotismo é tão puro que nem transige com as modas

A's seis e meia ouve se o signal para o jantar, a que assistem alguns convidados.

A' noite reunião da côrte, e ás dez a rainha e o marido recolhem se.

Politica internacional

Continua a preoccupar todas as attentões a questão de Marrocos, e por mais que se affirme que o accordo das potencias é completo com relação á maneira de a resolvêr, as inquietações persistem e ninguém pode prever o que seja o dia de amanhã. Pela força das circumstancias e no cumprimento das deliberações da Europa, auctorizadas pela acta final da conferencia de Algeciras, a França está aguentando o choque das kabilas revoltadas e, se esta situação pôde de momento lisongear o amor proprio da Republica, não é menos certo que ella lhe impõe em homens e dinheiro pesados sacrificios, além dos perigos que de um momento para o outro pôde fazer surgir.



A conferencia da paz. — O palacio real da Haya onde a rainha recebeu os delegados.

frincezas. A's creações das mais afamadas modistas a rainha prefere sempre o trajo nacional que se compõe quasi exclusivamente de rendas.

A rainha levanta-se ás sete horas no verão e no inverno ás sete horas e meia da manhã, e o marido ás vezes está a pé um pouco antes.

A's oito horas e meia os dois esposos comem pão, ovos, queijo, pasteis e bebem café.

De seguida a soberana entrega-se ao trabalho. Os documentos para esse fim encontram-se sobre uma mesa, collocada n'um gabinete, para onde os dois entram, e onde já está uma dama de honor e o secretario particular.

Ella lê attentamente todos os papeis antes de os assignar.

Pouco depois das onze horas os régios esposos dão um passeio até ao meio dia e meia hora se o tempo consente. A' uma é o almoço, composto de quatro ou cinco pratos, vinho e aguas mineraes.

De tarde a rainha torna a occupar se dos negocios do Estado, recebe os ministros e concede audiencias. A's quatro horas toma chá e vae passear de trem.

Diga-se o que se disser, é certo que a guerra santa, prégada pelos santões de Fez, está desencadeiada. Até onde ella possa ir não se sabe, mas, rotos os diques que continham o fanatismo indigena, deve-se esperar o peor. Demais a confusão no imperio é enorme. Por agora podem contar-se tres sultões, Abdul-Aziz, Muley Hafid e o eterno Raissuli, que, por mais que o deem como morto, persiste em resuscitar a cada certidão d'obito que lhe passam. Mas isto é por agora. Dentro em pouco quantos não serão os sultões proclamados e os pretendentes a reclamarem o seu direito ao throno?

Provavelmente tantas quantas as tribus.

N'estas circumstancias, como é obvio, torna-se difficilimo chegar a qualquer accordo, por isso que o que se trata com um chefe é immediatamente regeitado pelos outros. Se ao menos se tivesse a certeza que por fim acabaria Abdul-Aziz por triumphar dos seus competidores! Mas não! Cada dia que passa vae-lhe diminuindo o prestigio e a força, de modo que não é para admirar que dentro de algumas semanas a sua deposição definitiva seja um facto consumado. E depois? Com quem se ha-de tratar e a quem se ha-de exigir responsabilidade quando esta sombra de governo tenha desap-

parecido? Com o Roghi? Alem da humilhante seria inutil, porque o Raissuli é um simples Candido, com que a Europa não poderia tratar e que nada poderia prometter em troca de um eventual reconhecimento, pois o paiz não reconheceria os compromissos que houvesse tomado, nem mesmo a maioria das kabilas o reconhecem ainda como chefe.

Com Muley Hafid? Mas a attitudo d'este personagem da ultima hora é muito enigmatica e sobretudo muito suspeita. Resolver-se ha a atacar Casa-Branca, cortando assim toda a possibilidade de que a Europa venha a reconhecê-lo? Terá a força sufficiente para resistir á pressão das tribus, que o proclamaram, exactamente pela sua intransigencia para com o elemento estrangeiro? Não se sabe por ora o que este segundo sultão fará; mas se em assumptos d'esta ordem as presumpções são legitimas, é muito de crêr que a attitudo do recém-proclamado chefe seja decididamente hostil aos europeus e á politica de reformas. N'este caso a guerra santa seguirá o seu caminho cada vez mais accessa. E, pela pressão das circumstancias, a França tem que se empenhar a fundo na perigosa e custossissima aventura da marcha para o interior.

* * *

São de receiar complicações diplomaticas, que embarcem a acção da França, quando ella estiver empenhada na campanha a

paiz, a campanha será tanto mais vantajosa para os indigenas quanto mais para o interior se fôr transportando o theatro da guerra.

Mas admittamos, o que de resto não é difficil de prevêr, que o general Drude, apesar de todas as desvantagens, consegue levar a melhor, mesmo longe do fogo protector dos couraçados do almirante Philibert. Em todo o caso, para não perder o resultado das victorias ganhas, é preciso tomar as medidas necessarias para que a revolta se não repita, e estas medidas ou pelo menos a mais efficaç d'ellas só pôde ser a occupação de uma parte do paiz.

Mas ha ainda outra hypothese, que igualmente se impõe. O bombardeamento de Casa Branca e de outras praças, occasionou importantissimos prejuizos á propriedade dos europeus estabelecidos em Marrocos. As competentes reclamações já foram feitas e o pagamento de uma quantiosa indemnisação tem de ser o epilogo forçado da actual aventura. Mas quem ha de pagar essa indemnisação? Marrocos evidentemente, visto que a França só entrou em vias de facto para vingar os attentados contra os europeus, praticados em Casa Branca e com o fim de impedir a repetição de novos crimes. Marrocos terá, pois, de pagar porque é justo que pague e porque a isso o obrigarão. Mas decretar o pagamento sem as indispensaveis garantias seria pueril, e a unica garantia séria para isso será a occupação de uma parte do territorio. E', pois, uma nova necessidade que vem a tornar inevitavel semelhante passo. A Europa ha de resistir. A propria França ha de querer eximir-se. Mas a medida impõe-se por uma fatalidade superior. Demais não come-



A conferencia da paz. — Palacio onde se realisaram as sessões da 1.^a conferencia da paz.

valer contra os marroquinos? Parece que não, mas é de receiar que sim. Não ha duvida que no momento actual a benevolencia da Allemanha é positiva. Mas continuará a sel-o em todas as hypotheses, a mais provavel das quaes será a occupação effectiva de uma parte do paiz pelas tropas do general Drude? Não o sabemos, mas parece em todo o caso difficil de admittir que de repente a Allemanha renuncie aos seus planos, faça taboa raza da sua attitudo n'estes ultimos dois annos e se resigne afinal a vêr triumphar essa politica do accordo anglo-francez, que tão espalhafatosamente o Kaiser foi ameaçar a Tanger. Ha o que quer que seja na actual descendencia da Allemanha que desconcerta mas não pôde desarmar todas as desconfianças, bem legitimas da parte de quem deve ter sempre presente o *Timeo Danaos...*

E a hypothese da occupação de uma parte do paiz pelas tropas francezas não é tão temeraria, como á primeira vista pôde parecer, antes pelo contrario se nos affigura como a consequencia logica dos actuaes acontecimentos.

As negociações de paz, que se tinham entabulado entre as kabilas revoltadas e o general Drude não deram resultado, e consequentemente a campanha vae proseguir. Dado o primeiro passo n'este sentido, ninguem pôde de antemão affirmar onde e quando se deterá a acção militar da França. Só as condições estrategicas o pôdem determinar, visto que, pelas circumstancias especiaes do

çou já a occupação? Não está a França, com vontade ou sem ella, já estabelecida em Udja e na Casa Branca? O resto virá depois, mas é n'este "resto", que está o perigo, e é n'esta altura que o Kaiser pôde novamente entrar em scena com um dos seus gestos imprevistos.

* * *

Começou na Russia a campanha eleitoral para a terceira Duma, e todas as informações que nos chegam pelo telegrapho e pelos correspondentes são unanimes em affirmar a quasi completa indifferença, em meio da qual estão decorrendo as operações preparatorias das eleições propriamente ditas.

Todos os partidos se desinteressaram do acto, que, no sentir de todos, representa apenas a falsificação da vontade nacional. Os revolucionarios foram os primeiros a prégar a abstenção, o que até certo ponto se comprehende, dado o insuccesso que tiveram todas as propostas por elles apresentadas nas duas primeiras Dumas. Mas os proprios cadetes, entusiasticos defensores do systema parlamentar, perderam todas as illusões, e recusam-se a collaborar n'uma comedia que a ninguem engana, porque demais são conhecidos os propositos do governo. Ora estes propositos são a trans-

formação da Duma n'uma assembléa de eunuchos politicos, que vota sem discutir as propostas apresentadas pelo ministerio e fabricadas pela autocracia, disposta mais do que nunca a não ceder cousa alguma dos seus privilegios.

E' por isso que os cadetes, que deviam ser a melhor esperanza de regeneração da Russia, voltam as costas ao parlamentarismo bastardo que lhes offerecem e, do mesmo modo que os socialistas revolucionarios, abandonam a urna. E' possivel que á ultima hora a attitude passiva, que até agora mantem, mude, mas não parece provavel, que tal aconteça. A lei eleitoral que já anteriormente fôra modificada ao sabor da burocracia pelo senado, soffreu novas e mais odiosas restricções, todas ellas dirigidas contra os partidos da opposição, o que equivale a dizer contra a Russia inteira. Das listas de eleitores foram eliminados todos aquelles que se suspeitava podessem ter quaesquer tendencias liberaes ou quaesquer veleidades de independencia. E aos que ficaram de tal maneira se procura coarctar-lhes a liberdade do voto, que milagre será que algum deputado avançado possa romper as malhas da apertada rede, que em torno das urnas o sr. Stolypin estendeu. O que se fez equivale á abolição pura e simples do ukáze de 30 de outubro, sem a coragem ao menos de o proclamar em voz alta.

N'estas circumstancias que admira que os partidos liberaes se tenham retrahido? Foram a isso obrigados pelo governo. Mas, e é

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

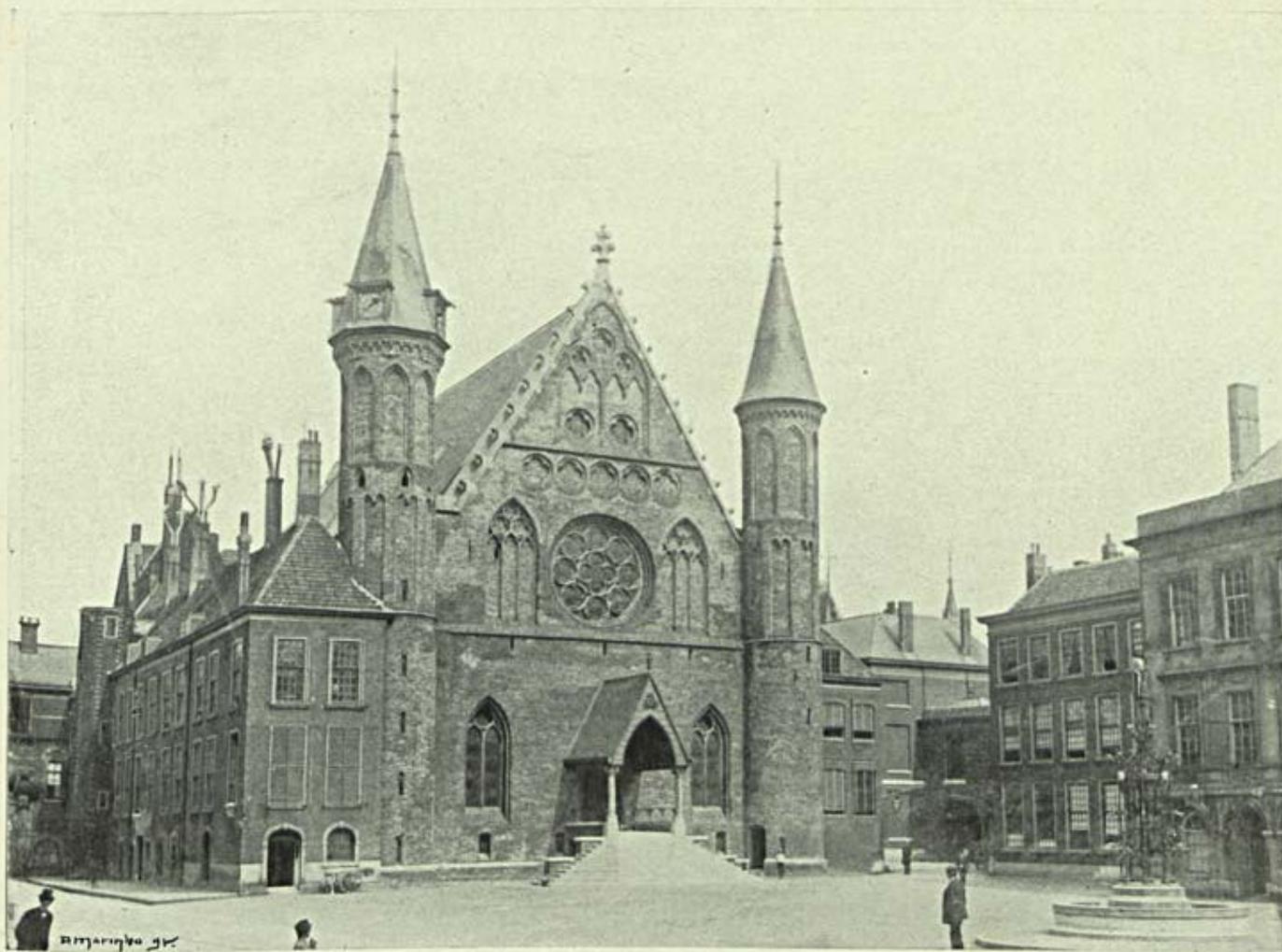
XXXIII

O descanso semanal. Como elle foi recebido. Seus effeitos. Disparates. Coisas alegres e coisas ridiculas. Perguntas que ficam sem resposta. — Eduardo Machado. Morte do grande scenographo. Um que faz falta.

Ha pouco mais de um mez, começou a ter execução o decreto chamado de *descanso semanal*, que afinal de contas vein a averiguar-se ser antes de desespero infernal para todos, beneficiados e não beneficiados com esse diploma.

Como todas as coisas feitas tumultuariamente, sem plano, sem estudo previo, sem ideal, a medida dictatorial teve um resultado desastroso, não agradando nem a gregos nem a troyanos.

Póde considerar-se um ridiculo sob o ponto de vista social e um



A conferencia da paz. — Palacio onde se realisam os trabalhos da actual conferencia.

este o ponto importante para a Russia e para a Europa, quaes serão as consequencias do retrahimento da opposição?

Evidentemente o recrudescimento do terrorismo e o apparecimento de novas e mais graves perturbações da ordem publica. O povo russo já avançou muito no caminho da sua emancipação que ha tres annos principiou e continuará com uma feição mais violenta, porque os proprios liberaes moderados, como os "constitucionaes", e o "partido da renovação pacifica", se convencerão da inutilidade de qualquer tentativa de reforma dentro do *statu quo*. Afinal quem ganhou com o acto do governo foram os revolucionarios extremistas, partidarios desde a primeira Duma das medidas e dos processos radicaes. Parece que toda a diligencia do governo devia consistir em os isolar, tornando-lhes impossivel qualquer alliança com os outros elementos do liberalismo. Pois em vez d'isso lançou-lhes esses elementos nos braços, para que todos juntos vão pedir a revolução das ruas e aos attentados politicos a solução do problema que o governo teve na mão offerecer-lhes no seio da representação nacional!...

CONSIGLIERI PEDROSO,

desastre sob o ponto de vista economico. Essa medida que em toda a parte tem merecido estudo acurado, por ser das taes que o vulgo pittorescamente diz ter dente de coelho, foi entre nós resolvida n'um prompto, de pé para a mão, de cambalhada com outras consideradas de maior alcance e que virão a ter resultados menos perniciosos, e posta em execução com aquella leveza d'animo e inconsciência com que certos empregarios fazem subir o panno para uma primeira representação quando os artistas ainda não sabem os papeis e os scenographos dão as ultimas pinceladas nos pannos de fundo.

Sucedeu ao decreto dictatorial o que succede ás peças representadas ainda verdes: não agradou. E o governo temeu tanto o fiasco que não dispensou, como os empregarios prudentes, uma numerosa e valente claque para o que desse e viesse.

Efectivamente, no primeiro domingo de descanso, Lisboa dir-se-ia uma cidade morta se as ruas não fossem passeadas em todos os sentidos quasi exclusivamente pela policia que se conhece pelo fardamento e pela outra que se conhece ainda melhor pelo disfarce — o sempre divertidissimo *bufo*. Todo o corpo chamado de segurança publica, que afinal vem a ser, como por mais de uma vez se tem verifi-

cado, o agente da desordem e panico geraes, esteve em actividade n'esse dia memoravel, prompto a suffocar um acontecimento grave que ás altas regiões palpitava, cujos effeitos terribes preocupavam os espiritos carecidos da maior tranquillidade para o bom governo d'este bonissimo povo, acontecimento que afinal nunca passou, como pensamento, pelas cabeças esquentadas dos revolucionarios (?). Tudo correu na melhor ordem, gosando cada qual como lhe deu na gana, uns o descanço forçado até o ponto de apanharem esfalfamentos que os derrearam para os seis dias uteis immediatos; outros o direito de dizer do decreto o que Mafoma não disse do toucinho, verbalmente, é claro, porque por escripto... nem é bom pensar n'isso.

A cidade despovoou-se como por encanto. No primeiro domingo, ao romper d'alva, todos deitaram as pernas fóra da cama; toca a vestir, a ensaboar á pressa a carantonha, a sobraçar o cabasito das provisões, e ala que se faz tarde, para o campo, a retouçar nas frescas relvas, comendo, bebendo, cantando, porventura amando, porque o descanço tem seus limites.

A cidade era um cemiterio. Tudo fechado. Apenas os *restaurants* estavam abertos e as barbearias, estas até 1 hora da tarde.

Eu ignorava que os barbeiros abrissem ao domingo. Estava convencido de que não abriam. Mas como visse a loja do meu aberta, para lá

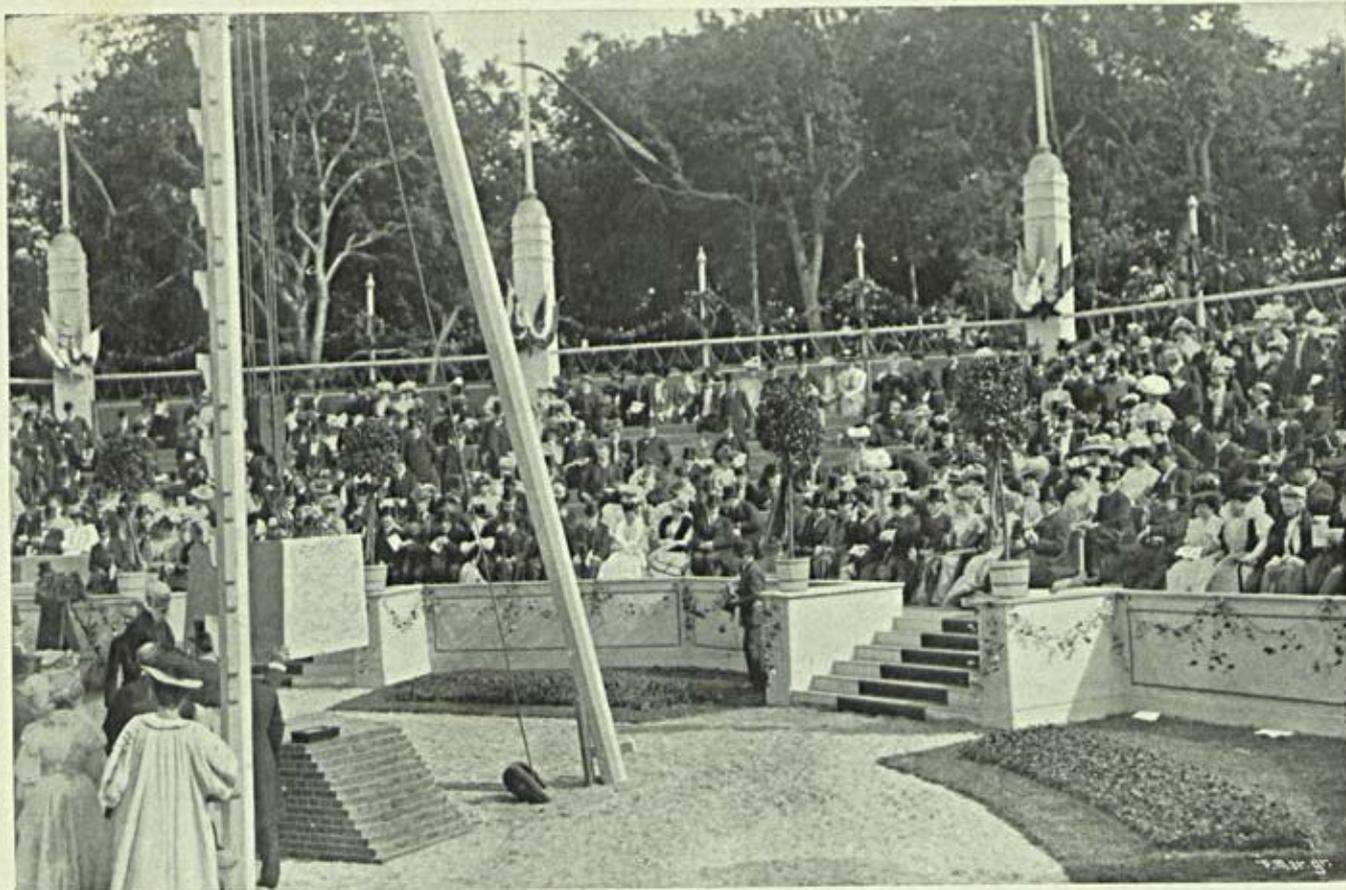
— Mas não tem duvida. Como nós só podemos vender liquidos a quem coma, trago um pires com biscoitos, que v. ex.^a não comerá, e assim poderá tomar o seu cafézinho.

— Oh santo homem! Oh espirito fecundo! Oh genio! Oh assombro! traga-me já o pires com os biscoitos que eu não hei-de comer e a chicara com o café que hei-de beber com as mesmas delicias que a mãe Eva sentiu, no Paraizo, ao cravar a sua linda dentuça na maçã reineta do Peccado!

Ia, enfim, sentir o inedito prazer de desobedecer ao poder central, de illudir as prescripções emanadas do cima, de enfim, calcar a lei aos pés — tomando uma chicara de café.

E tomei. E até por signal era bem mausinho. Mas soube-me tão bem, tão bem!... Pudera! Se tinha a convicção de que a dictadura soffria os mais rudes golpes, sempre que eu levava á boca a chicara! Cada gole d'esse café era, em minha consciencia, uma machadada na obra nefasta do governo!

Por este processo do pires com biscoitos, toda a gente tomou café, cerveja, vinho, o que lhe appeteceu, enfim. A policia, á porta, parava, olhava, e quedava se silenciosa, como a *lagrima* do sr. Guerra Junqueiro. Que havia de fazer, a pobre policia? Sujeitar-se a que se rissem nas proprias bochechas e engulir em secco.



A conferencia da paz. — Cerimonia do lançamento da primeira pedra para o Palacio da Paz.

enfeei, para não perder o habito de compor o semblante. Mestre Figaro olhou para mim e apontou o relógio.

— Que é? perguntei.

— Então isto são horas?

— Mas que demonio de transtorno lhe faz...?

— Ora essa! Não sabe que a gente tem de fechar á uma?

Pois não sabia, não. E tive de me contentar com uma barbeadela feita á pressa, de má vontade, pela creatura preocupada com a multa — 50\$000 réis — que pagaria se me escanhoasse dois segundos além da 1 hora da tarde.

De lá sahi, por fim, quando punham os taipaes. E dirigi-me ao Martinho para tomar a minha inevitavel chicara de café, quando meus olhos peccadores pasmaram na contemplação das portas cerradas. O Martinho, o velho e glorioso Martinho, onde os verbosos vão injuriar a patria, ao dizer dos amanuenses do *Mandarin*, fechara! O Martinho, que só fecha quando lhe partem todas as mesas, todas as cadeiras, todos os espelhos, em nome da Liberdade!...

Ao lado, o *restaurant* Suiso offerecia hospitalidade ao arrojado viandante que se atrevia a atravessar o deserto de Lisboa. Entrei e pedi café. Mas logo responderam que não m'o podiam servir. Era prohibido...

Prohibido? Perguntei eu aos meus botões Mas o sr. João Franco quer que eu descanço ou que eu não tome café? Que demonio tem o café com o meu descanço ou com o descanço dos outros? Esta, agora nem parece do sr. João Franco!

O amavel creado approximou se novamente e com um sorriso machavelico disse:

N'um carro electrico, a caminho de Bemfica onde fui passar o dia, philosopheei sobre o caso menos mal, como me succede sempre que philosopho no electrico. Perguntei a mim proprio o que pergunto agora aos senhores: que lei é esta que assim é illudida por um creado de *restaurant*, que naturalmente deve ser um espirito muito inferior ao de qualquer legislador? Que lei é esta que para me garantir o descanço que eu não solicitei, nem desgraçadamente posso aceitar, me impõe, entre outros mais penosos sacrificios, a dura condição de não tomar café com uma roda de amigos na sala pacatona do Martinho? Que lei é esta, que me obriga a descançar ao domingo, como se eu tivesse obrigação de me sentir cansado no sabbado á noite?

Tem a palavra os anjos, uma vez que os seraphins ainda não voltaram da carqueja.

Eduardo Machado...

Lá ficou, hontem, no cemiterio dos Prazeres aquelle que foi o grande scenographo Machado.

Quando a porta do jazigo se fechou sobre a urna que encerrava o cadaver do artista insigne, um cavalheiro que se incorporara no presépio não sei porque razões, interpellou-me a médo — sobre o artista e a sua obra.

Entre outras coisas que aqui não teem cabimento, eu disse ao desconhecido:

Quantas vezes, quantas, meu caro senhor, em circunstancias identicas, junto do coval de alguém que muito se amou ou muito se admi-

rou, se diz esta phrase que pela immerecida repetição passou já á cathgoria de charro logar commum: — faz falta! Quantas vezes, quantas, ella tem sido proferida inconscientemente, dictada por um generoso impulso de amizade, que não por outra razão de ordem critica? Quantas vezes, quantas, nós temos ouvido dizer de alguém, d'um politico, d'um escriptor, d'um artista, de qualquer representante dos varios ramos da actividade mental do paiz — faz falta — para afinal averiguar-mos, ao transpôr aquella porta que véda ás allucinadoras paixões da vida o rolar da sua onda devastadora sobre este campo de Mysterio — que esse, afinal, não faz falta alguma? Oh quantas vezes, quantas!...

Mas, meu caro senhor, o caso presente não pertence desgraçadamente a esse numero. Esse que ali fica inanimado, hirto na rigidez da morte redemptora que para sempre o arrebatou á formidavel tempestade da vida, esse — faz falta. Bastará dizer-lhe que deixa uma grande herança para a qual não ha, por agora, nem haverá tão cedo, herdeiros habilitados; isto é, que elle deixa vago um logar para o qual, por enquanto, ninguém ousará avançar.

Foi um grande artista, tão grande que nem as circumstancias que naturalmente o furtavam á evidencia, conseguiram apoucar-lhe a estatura. Sim. Nem o desequilibrio da sua educação artistica, nem o horror á notoriedade, que fazia da sua vida uma continua reclusão, nem a sua pronunciada aversão ao reclamo, á evidencia, á propria convivencia, foram bastantes a relegar para a obscuridade o nome d'esse homem. Eduardo Machado foi, a despeito de tudo isto, considerado unanimemente o artista primacial da scenographia portugueza e foi, inquestionavelmente, uma das mais poderosas organizações artisticas do nosso meio. Foi um alto e nobre talento, que Deus dotou de tão privilegiadas faculdades de generalisação, que cousa alguma, tocada pelo seu magico pinceal ou pelas suas bem-fadadas mãos, deixou de ter aquelle cunho, aquelle *quid* divino, que a Arte imprime á obra dos seus eleitos...

Lícito é dizer isto a quem foi devoto admirador d'esse homem cuja obra teve, como toda a obra de theatro, a vida ephemera de algumas noites — tão ephemera que nem d'ella ha recordação nos que cá ficam... No entanto pouco viverá quem por seus proprios olhos não verifique que o artista morto faz muita falta.

CAMARA LIMA.

Uma decepção

Devem lembrar-se que fiz ultimamente uma leitura publica dedicada aos alumnos da *Clayonian Society*. (1) Na tarde d'esse dia estava eu conversando com um dos alumnos supra referidos, quando elle me disse que um tio seu, por qualquer motivo, parecia ter vivido permanentemente alheio a todas as emoções. E foi de lagrimas nos olhos que esse rapazinho me disse:

— Oh! se o senhor fosse capaz de o fazer rir uma vez! Oh! se me fosse dado vê-lo uma vez chorar!

Isto impressionou-me. Não resisti nunca á voz da afflicção. Disse-lhe:

— Traga-o logo á minha leitura. Hei de dar a seu tio uma commoção, para corresponder á sua vontade.

— Oh! se lhe fosse possível, pelo menos, fazer isso! Se tal conseguisse, toda a nossa familia o abençoaria para sempre, porque estimamos muito aquelle tio. Oh, meu bemfeitor, se o pudesse fazer rir? — se pudesse humedecer com algumas lagrimas consoladoras aquellos olhos resequecidos?

Eu achava-me profundamente commovido. Disse-lhe:

— Meu filho, traga-me o seu velho parente. Introduzirei algumas graças na minha leitura que por força o hão de fazer rir, se dentro d'elle houver algum riso; e, se ellas errarem fogo, tenho então de reserva uns casos que o hão de fazer gritar por soccorro ou talvez até que o matem; uma das duas.

Então o bom rapaz abraçou se, chorando, ao meu pescoço, agarrou com ambas as mãos a minha cabeça, levantou os olhos ao céu, resmungou fosse o que fosse reverentemente, e fui buscar o tio. Sentou-o no logar mais saliente, na segunda fila de bancos, e eu comecei a leitura dirigindo-me a elle. Principiei a experimental-o com uns gracejos moderados; depois com outros mais penetrantes; passei a applicar-lhe em Jósé regulada algumas observações tristes, voltando logo a passar pelo crivo outras risonhas; disparei-lhe para cima velhas anedotas e polvilhei-o dos pés á cabeça com outras novas em folha. Tomei calor na minha tarefa, e assaltei-o pela direita e pela esquerda, pela frente e pelas costas; excitei-me, alvocei-me e gritei até ficar rouco e doente, phrenetico e furioso — mas nem uma vez o agitei de leve — não fui capaz de lhe arrancar nem uma lagrima, nem um sorriso! Nem a sombra de um sorriso, nem a suspeita de uma lagrima! Eu estava pasmado! Encerrei a leitura, por fim, com um grito de desespero — com uma explosão selvagem de mau humor — e atirei-lhe em cheio com uma atrocidade sobrenatural a elle expressamente dirigida. Nem pestanejou! Então sentei-me exaustado e desorientado.

O presidente da sociedade veio ter commigo, banhou-me a cabeça com agua fria, e disse-me:

— O que é que o fez excitar tanto, agora para o fim?

Respndi-lhe:

— Estive experimentando fazer rir aquelle velho e maldito idiota que está alli na segunda fila.

E então o presidente disse-me:

— Bem, esteve a desperdiçar o seu tempo, porque elle é surdo e mudo, e cego como uma toupeira.

Digam-me agora o que merecia o sobrinho d'aquelle velho, que assim esteve abusando da simplicidade de um homem tão sincero como eu?

Mark Twain.

(1) Podia traduzir-se em portuguez por *Sociedade Clayoniana* ou *Sociedade Clayonense*. Naturalmente alguma sociedade politica ou abolicionista fundada sob a invocação do nome de Henry Clay, o grande estadista americano.

FESTAS DE BRUGES



Guardas da corte de Bourgonha



Porta-estandarte de Flandres



Damas da corte de Bourgonha (seculo XV)

As tres gravuras que publicamos dizem respeito a um torneio realzado em Bruges, na Belgica, no qual tomaram parte senhoras da primeira sociedade, assistindo, por convite do governo belga, os delegados da conferencia da paz.

Este torneio foi a reprodução fiel das festas promovidas por occasião da instituição do Tosão d'Oiro, ordem fundada por Philippe o Bom em homenagem á Rainha, que era uma princeza portugueza filha de El-Rei D. Manuel.

A' Suissa! A' Suissa

O calor, este anno, chegou tarde mas de terrivel catadura. Todo o mundo sente a necessidade de mudar de ares e de convencer o seu porteiro de que se é sufficientemente en-dinheirado para se dar ao luxo de veranear em longiquas terras.

Onde ir?

A' Suissa, está claro.

A escolha é facil. Difficil é obter alojamento em qualquer dos vinte mil hoteis da sympathica Confederação Elvética, que n'esta epocha do anno devia intitular-se Albergaria Universal.

Ir a S. Moritz? Impossivel! Não ha um lugar disponivel.

A Lucerne? Nem pensar n'isso! Viajantes tem havido obrigados a dormir nos bancos do caes, á sombra do sumptuoso hotel Nacional, o que é o cumulo da ironia.

A Interlaken?... Vá por Interlaken!

Chegamos; e logo no decimo quinto hotel a cuja porta batêmos, offerecem-nos um bilhar, como quarto de cama.

Acceptamos a velha almanjára forrada de panno vèrde, transformada em leito, porque, no dia seguinte, um inglez (estes inglezes não duvidam de nada!) deixaria um confortavel aposento no hotel, pelo problematico abrigo de outros sitios.



Na Suissa. — A mais de 3.000 metros de altitude — Um dos mais bellos ornamentos da sociedade de Lisboa — Madame Fialho, esposa do ministro do Brasil.

Effectivamente, acabada a noite má, que não passou tão depressa como diz o rifão, o nosso fiel alliado foi-se com Deus, deixando-nos um quarto magnifico com vista para a Jungfrau e com sol de rachar.

E de tanto admirar ao longe a celebre montanha, coberta de neves eternas, veio-nos o apetite de ir vel-as de perto.

O dia destinado á excursão Jungfrauesca (se assim se pôde dizer!) appareceu nublado e por essa razão os *touristes* eram em numero limitado. Tão somente foi preciso desdobrar o comboio, e os passageiros, nos *wagons*, attingiam, apenas, o dôbro da lotação. Uma delicia!

Accommodados tão confortavelmente como as sardinhas em canastra, seguimos pela montanha acima sem incidente notavel.

De vez em quando mudança de linha, com as respectivas corridas, empurrões infalíveis e descomposturas em allemão, que são as mais impressionantes de todas.

N'essas contradições, os amigos chamam-se uns aos outros nos seus respectivos idiomas, reservando logares hypotheticos em bancos ausentes, e ficando, no fim de contas, cada um p'ra seu lado, separados.

Lá muito em cima, quando se começa a vêr a neve de perto, os carros electricos barafustam por um tunel de quatro kilometros de extenção, especialmente perfurado para nos impedir a vista da serra.

Ao finalizar essa enorme galeria encontramos um *restaurant* — o infallivel *restaurant* suizo — a esperar-nos com as mèsas ainda repletas de virtualhas abandonadas pelos excursionistas madrugadores.

Apezar dos caloriferos electricos, toda a gente enfia os *paletots*. Quem os não tem, aluga as capas dos empregados da via ferrea.

O ministro de uma nação amicissima, acreditado em Portugal, é do numero dos que esqueceram os agasalhos em Interlaken, e apparece-nos disfarçado em guarda fiscal de chapeu mólle.

Infelizmente a luz não se presta a instantaneos do *kodak*, senão ..

O acaso favoreceu-nos mais com a sua distincta esposa, que é um dos bellos ornamentos da sociedade de Lisboa.

No momento em que chegáva á portinhola d'um *wagon*, *crac!* Se não fosse a *voilette*, era um retrato perfeito.

No ponto terminus, e formando ante-camara do *restaurant*, uma grande abertura na rocha, em fórma de *window*, arêja a estação e permite admirar-se á vontade uma especie de funil da montanha, todo revestido de alvissima neve. Os olhos não a podem fitar sem oculos azues.

Uma respeitavel dama franceza conversa com o seu cãosinho de pura raça *toutou*, mostrando-lhe as bellezas da serra.



Na Suissa. — «Restaurant» em Jungfrau a 3.161 metros d'altitude

«Olha!» Diz ella. «Repára bem n'esta alvura! Que lindeza! Mas que frio que teria o meu querido amôr, se tivesse de poisar as patinhas n'aquella neve!»

O cãosinho ouvia isto muito sério sem responder, o que é, certamente, o seu costume, e olhava com insistencia para o fundo do *glacier*.

Tambem olhamos e vemos um guia a puxar tres estrangeiros amarrados com cordas, como bezeros recalcitrantes conduzidos á feira.

Começamos, porem, a ficar agoniados. Será a doença das montanhas ou simplesmente fome?

Na duvida procuramos a mèsas. Esta é collocada á beira de uma janella dando sobre o abysmo branco. Mão, mão!... Pelo seguro vi-ramos-lhe as costas.

Nada de vertigens que perturbem a digestão.

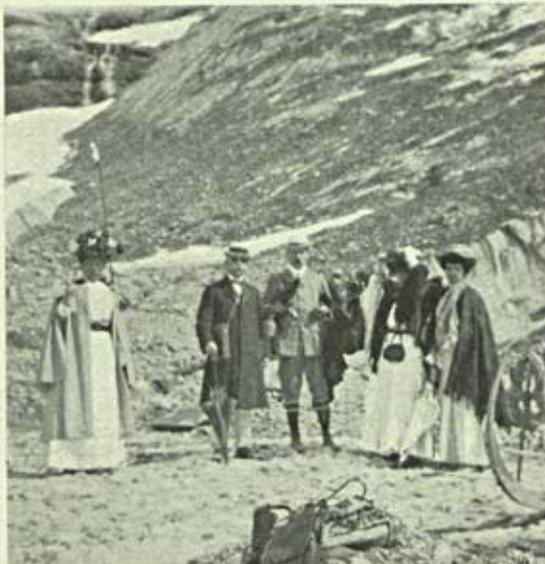
O resumido *menu* é devorado a vapor para sobrar-nos tempo de dar uma volta á cosinha onde todos os pratos são preparados ao calor da electricidade.

Andamos ligeiros como n'uma visita régia, porque o horario do comboio assim o exige.

Na grande sala encontramos algumas senhoras desmaiadas pelos efeitos do ar rarificado d'aquella altura de 3161 metros.

Os frasquinhos de saes andam de mão em mão e os conselhos abundam. Todos teem uma receitinha a impingir; mas a melhor é descer.

Descemos. Em Eigerletscher visita obrigatoria á celebre gruta azul, assim chamada porque é de cor cinzenta. Em certas horas,



Na Suissa. — Um grupo de brasileiros conhecidos. Dr. Gordilho e esposa, Didot, importante negociante, sua esposa e sua sobrinha, todos do Rio

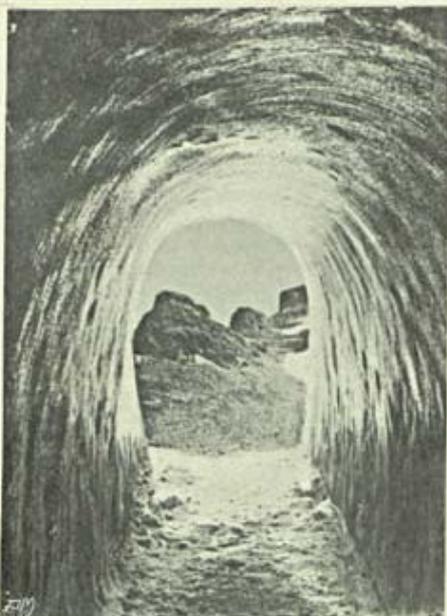
quando o céu está limpo, apresenta-se realmente azul, devido aos raios solares que, atravessando os seus muros de gelo, dão-lhe uma luz azulada, diaphana e phantastica.

A' sahida, passeio em trenós.

A dama do cãosinho lá está e de repente desata a gritar como se a esfolassem.

Todos acodem. Riso geral.

O bichinho escapára-se do collô da dona para se lançar a correr



Na Suissa. — A gruta azul

e a brincar na neve, n'uma alegria doida, obedecendo, talvez, ao atavismo de raça, de cães de terras frias, pois a natureza que os dotou de tão quentinho pêllo alguma razão teve p'ra isso.

Depois dos trenós, merenda-se, e o *hodak* trabalha, ainda, apañando um grupo de brasileiros conhecidos.

O comboio aproxima-se. Tóca a partir.

A's 7 1/2 está-se de novo em Interlaken. Os homens enfiam, a correr, o *smoking* igualitario. As senhoras arranjam-se como podem, e vão p'ra mesa.

Acabado o jantar vae-se ao Kursal e ahí, sob a influencia dos côros semi-religiosos dos cantores allemães, adormece-se beatamente, a fazer o chilo.

O fogo d'artificio interrompe a somnêca reparadora.

Exclamações admirativas dos differentes estrangeiros, e só os portuguezes resmungam opinando que, nos arraiaes do Minho, o *artificio* é melhor.

Por volta de 11 horas recolhemo-nos ao hotel; deitamo-nos, col-



Na Suissa. — A cosinha electrica do «restaurant» de Jungfrau

locamos a geito a lampada electrica, e pômo-nos a ler noticias do bombardeamento d'essa Casa Branca de Marrocos, que nós os ignorados portuguezes, tivemos o trabalho de fundar em 1510 para abandonar quando o terremoto nos deu a notoriedade que não podêmos conseguir com a herocidade dos nossos navegadores.

Já é falta de sorte!

A. d'A.

Côr de terra

Um rosto côr de terra, macilento,
Faz-me lembrar, talvez, uma paixão,
Uma alma dolorida, um coração
D'um grande soffredor, em desalento.

Um rosto côr de terra, entristecido
E de olhos encovados, já sem luz,
Faz-me lembrar a sombra d'uma cruz,
Faz-me lembrar um grito dolorido.

Vamos, Senhora, pelo mundo em fóra,
Que a nossa vida se entristeca, embora!
A nossa vida está no nosso rosto.

E os rostos côr de terra, macilentos;
Fazem lembrar soluços pelos ventos
E pedaços d'um corpo decomposto.

Carlos Cilia de Lemos.

PROVERBIOS ITALIANOS

Bastante sabe quem não sabe, se calar sabe.

■

Com pouca cabeça se governa o mundo.

■

Quem offende nunca mais perdôa.



A sr.^a D. Luiza Adelaide Capon Craveiro Lopes

† em 5 de setembro de 1907

(Cliché Bobone — Lisboa).

Pertencia a uma illustre familia a virtuosa senhora que, apoz doloroso soffrimento, acaba de succumbir no antigo palacio dos Condes de Almada.

Filha do bravo e valente official francez Carlos Capon que, como companheiro d'armas do Conde de S. Léger e ao lado de El-Rei D. Pedro IV, executou, durante as campanhas da liberdade, prodigios de tão grande heroicidade que lhe valeram a particular estima do monarcha manifestada por diversas e honrosas formas, a fallecida senhora era esposa do digno general commandante da 1.^a divisão militar, Francisco Hygino Craveiro Lopes, a quem todo o exercito portuguez respeita e ao qual tem dedicado o melhor da sua vida, e mãe de D. Luiza Craveiro Lopes, do dr. Antonio Craveiro Lopes, medico distincto, e do brioso official do exercito João Carlos Craveiro Lopes.

A virtuosa senhora deixou em todos que tinham a honra de conhecet-a, podendo por isso apreciar as suas elevadas qualidades, a mais perduravel saudade, e na familia que a estremecia, um vacuo que jamais será preenchido.

A familia da illustre extincta enviamos a expressão do nosso sentimento pelo desgosto que acaba de soffrer.

Mont'Estoril



Um aspecto

Damos ainda hoje alguns aspectos do Mont'Estoril visto que, devido à abundancia de assumptos e à urgencia d'alguns, nos não foi possível publicar no n.º 208 todas as gravuras referentes á encantadora praia.

Na floresta

Era por uma noite escura, absolutamente cerrada; o céu estava negro como uma sotaina quando o abbade Laine, depois de haver passado a encruzilhada do Roussy, penetrou na estrada de Solinières, que atravessa quasi de lado a lado a floresta d'Orléans. Como n'esse momento, Holophernes — era o burrico que puxava o carrinho em que se sentava o abbade — manifestasse veleidades de parar, foram-lhe dirigidas do vehiculo algumas exhortações cheias de doçura paternal, e o jumento retomou logo o chouto miudo e sacudido que lhe abanava tão fortemente as orelhas desmedidas, consoante se podia observar de dia. Com esse chouto, de que os trocistas do sitio caçoavam, Holophernes era todavia capaz de ir longe e depressa. Os seus cascos pontegudos e tenazes trabalhavam sem descansar durante horas; era ao mesmo tempo vigoroso e docil, como os burros que não recebem pancada, visto seu dono nunca lhe ter batido, pela excellente razão de nem mesmo ter chicote e se contentar d'um incitamento verbal ou d'um simples puxão de redeas quando lhe queria transmittir o seu pensamento. Mas n'aquella noite, que era uma noite de junho abafada e de trovoadas, sem estrellas nem lua, o abbade teria desejado, como se diz em estylo poetico, "dar azas de alcyone, á sua alimaria, que lhe parecia vagarosa e á qual a todo o instante estimulava com a voz, porque ia a muitas leguas da sua aldeia, e embora estivesse caminhando havia mais de uma hora, não chegara ainda a meio do trajecto que tinha de percorrer.



Mont'Estoril. — Casa á portugueza de Rey Collaço
(Clichs de Abel Barradas — amador).

Lesprit, o almocreve de Chanvigny (era o povoado onde o abbade Laine exercia as funcções de parochio havia dez annos) regressara n'aquella mesma noite da sua jornada hebdomadaria trazendo ao padre a noticia de que a velha Doradoux, a guarda-barreira, poucas horas tinha de vida, e que lhe estava dando grande apoquentação o ir-se d'este mundo sem se alliviar dos seus peccados e sem receber a communhão. O abbade Laine, que já se preparava para se meter na cama, vestira-se rapidamente e acordara Holophernes em pleno sonho de cardos saborosos, acostumado de resto a estas excursões nocturnas que os ultimos sacramentos suscitavam a miudo.

Atrelado o burrinho ao pequeno vehiculo, o parochio fôra direito á igreja; chegado lá, quasi ás apalpadellas, á luz d'uma véla de cebo, tirou do velho tabernaculo de madeira pintada a hostia consagrada, com todo o necessario para administrar o viatico. A'quellas horas — nove e meia! — todo o rapazio da aldeia estava deitado e dormia.

Embora Mr. Lacabasse, o bedel, se offerecesse com a mais generosa insistencia para acompanhar o parochio, apresentar lhe os santos oleos e assistil o durante o sagrado ministerio, o abbade Laine não aceitou a proposta de Mr. Lacabasse, que já não contava menos de setenta e um annos e, não obstante as exclamações do velho, unidas ás mais sinistras predicções da sua serva, resolveu ir só, completamente só, a casa da moribunda — e que não havia perigo nenhum: a floresta não tinha reputação de má pessoa.

De mais, não ia em companhia de Deus? Que tinha pois a recer? Collocara junto de si, no seu capote cuidadosamente enrolado, o cofresinho de prata doirada onde estava encerrada a hostia e, com uma redea em cada mão, guiava Holophernes atravez da noite, rezando. A's vezes em meio d'um Padre Nosso soltava um



Mont'Estoril. — Casa á portugueza de Carlos Ribeiro Ferreira

estalo com a lingua, dirigido ao illustre homonymo do guerreiro trucidado por Judith.

Uma lanterna, atabalhoadamente atada a uma das travessas do carrinho, mal lhe dava a luz necessaria para o impedir de tombar n'uma das valetas que ladeavam a estrada, e o abbade pensava por momentos que sem a debil claridade d'esse farol nunca lhe teria sido possível atinar com o caminho, tão escura estava a noite, uma verdadeira noite de sexta feira de Paixão para recitar as Trevas.

Ficava-lhe já um pouco para traz o pinhal do Lobo-Enforcado, quando lhe pareceu ouvir, a poucos metros de distancia, á sua esquerda, um rumor de passos.

Ao mesmo tempo, Holophernes estacou. O abbade não sabia o que era medo, não pensando toda a sua vida senão na morte e tendo o costume de dizer (sem o saber) como Hamlet, que não succumbe um passarinho sem a permissão do Altissimo. Fôra sempre convicção sua que os mais terribes assassinos são afinal os nossos vicios e que não ha perigo peor do que o peccado. Era um espirito simples. Não se assustou pois e perguntou em voz alta com muita tranquillidade:

— Está ahí alguém?

— Está respondeu uma voz de homem na escuridão.

— Alguem que se perdeu sem duvida no caminho? interrogou o padre.

— Alguem que se perdeu e que quer ir para Thiézy, disse a voz.

— N'esse caso, ordenou o abbade, suba depressa. Para-lá vou tambem.

Deslisaram alguns segundos, o carro oscillou, depois rangeu sob o peso d'um corpo que se içava para dentro e o padre sentiu sentarse junto de si um homem. Logo que se achou installado, o abbade ponde enxergar vagamente as feições do seu rosto, tanto quanto a obscuridade lh'o permittia. Eram d'um operario, d'um homem do povo habituado aos rudes e grosseiros labores, e tendo o cunho d'uma expressão carrancuda e resoluta. Elle pelo seu lado fitara um olhar duro no abbade Laine: "Oh! oh! observou elle, o amigo é

dos taes sotainas? Toca a andar. Cuspiu para o chão, e o carrinho poz-se a rodar.

Durante um minuto ou dois houve silencio entre os dois homens.

Por fim quebrou o o abbade:

— Não se pode dizer que faça lá muito bom tempo para se passear no pinhal.

— Não faz, não, disse o desconhecido, sem falar de que não é muito seguro.

— E porquê, meu amigo?

— Por causa dos malfeitores. O senhor não acredita em malfeitores?

— Não muito; mas não se pode dizer que os não haja, infelizmente . . .

Houve de novo um silencio.

— E queira desculpar a curiosidade, senhor padre, onde é que vai a estas horas em vez de estar ferrando a sua somnêca? perguntou o desconhecido.

— Vou levar Nosso Senhor a uma agonisante.

— Já eu desconfiava d'isso. E é longe onde ella mora, a tal agonisante?

— Um pouco antes de chegar a Thiézy. E' a guarda barreira, a Doradoux. Conhece-a por acaso?

— Não.

— O senhor não é d'aqui?

— Não.

— Nem dos arredores?

— Não.

— Está de passagem?

— E' como diz, senhor abbade, estou de passagem.

Calaram-se. Depois de haverem deixado á direita a lagoa das Billaudes, que se não via, mas cuja situação o abbade, a quem a



Mont'Estoril. — Uma rua elegante

floresta era familiar, conhecia perfeitamente, tinham começado a preparar a encosta de Chilleurs, d'um declive extremamente ingreme e o burro esfaldado passára do trote ao passo, quando de repente, com uma rapidez selvagem, o homem saltou sobre o padre, e, derubando-o do banco de madeira sem encosto onde se sentava, obrigou-o a cair de costas para traz, no fundo do carro onde o manteve estirado. Não houve sombra de lucta, o velho não soltou um grito, uma exclamação. Foi um curto e silencioso embate de corpos em plenas trevas; mal se ouviu um surdo choque de pés de encontro ás taboas. Depois, mais nada, senão o silencio terrível dos factos consummados, do crime commettido, silencio que parece cheio de remorsos. O aggressor, que empunhava uma faca, não ferira ainda a victima, mantinha-a resignada debaixo do joelho e, mal erguido o braço, hesitava comtudo em matar aquelle inoffensivo que, sem desconfiança, o recolhera na estrada, em plena noite . . . quando de subito, a dois passos, rebentaram formidaveis clamores, uma tempestade de gemidos enormes que pareciam gritar por soccorro e invocar em testemunho as dezoito leguas da floresta. Holophernes puzera se a ornear.

Ao ouvir estes sinistros berros, decuplicados pelo silencio da noite e que a principio lhe foi impossivel comprehender, o assassino largara a faca e puzera se de pé n'um pulo. O jumento enlou-se. E o homem escutava ainda, cheio de terror, quando uma voz serena, subindo do fundo do vehiculo, lhe perguntou:

— Tem phosphoros consigo?

— Tenho. Porquê? replicou o homem estupefacto.

— Accenda um ou dois, disse o padre. E' para achar uma coisa que perdi.

Cambaleante como um ebrio, desarmado pelo heroismo simples do abbade, o assassino, tirando do bolso alguns phosphoros meio quebrados, esfregou um na sola do sapato: a chama brilhou e á sua claridade viu, de gatas no vehiculo, o padre que apanhava um objecto.

Levantando-se logo, este ultimo sentou-se e approximando o objecto achado do vidro da lanterna, poz em plena luz um pequeno



Mont'Estoril. — A avenida Saboya

crucifixo de pau, muito ordinario. Depois, sem que a voz denotasse a minima alteração: "E' o crucifixo que eu trago sempre na cintura, ouvi-o cair e ter-me-hia causado grande desgosto perdê-lo, porque o tenho em grande, muito grande estimação. — Anda! grande preguiçoso!, E o burro poz se de novo a trotar.

— Porquê é que lhe faz tanta aquella esse boneco? Perguntou o homem ao cabo de um segundo com mal dissimulado enleio.

— Porquê, meu amigo? Vae já comprehender: este crucifixo que aqui vê (e approximou-o de novo a lanterna) foi beijado por dezeseite pessoas no momento de morrer, pessoas que morreram d'uma triste morte que o amigo não seria capaz de adivinhar . . .

— De que morte foi então? Queimadas? Do cholera talvez?

— Muito peor . . .

— Peor que o cholera?

— Sim, affianço-lhe . . . morreram de . . . foram guilhotinadas.

— Guilhot. . . com a bréca!

E decorreram alguns instantes durante os quaes um e outro guardaram silencio. A noite estava menos sombria; n'um hectare de ceu puro, vagueavam, como perdidas, uma meia duzia de estrelas. E o padre, lentamente, gravemente poz se a fallar com sua velha voz de confessional, sem ter ares de se dirigir directamente ao seu visinho:

— Sim, meu amigo, dezeste que morreram como eu lhe dizia ainda agora . . . essas coisas não se esquecem, quando se foi capellão de la Roquette (1).

— O senhor! Pois estive na Grande Piaule (2), na Piaule da rapaziada . . .

— Onze annos lá estive.

— Essa agora! essa agora! . . . N'esse caso queira perdoar, sr. abbade; sou mesmo um javardo por ter querido ainda ha pouco . . .

Mas o abbade não pareceu tel o ouvido e proseguiu:

— Lembro-me . . . de todos esses pobres rapazes. . . Gamaze, Adriennet, Chaulout . . .

— Chaulot que matou a cosinheira do dentista?

— Esse mesmo.

— Conheci-o; estivemos juntos no 88 de linha.

— Confessou-se, preparou-se muito bem . . . Em presença do cadafalso, pediu perdão a todos com muita humildade . . . Havia pes-



Mont'Estoril. — Villa Ribeiro

(Cliché de Abol Berradas — amador).



Mont'Estoril. — Um trecho da paisagem

soas que choravam... E' verdade, Chaulot portou-se muito bem n'aquelle momento. E não foi só elle... os outros tambem... Petit-Paul... Saumonin... todos beijaram este crucifixo... e sem se fazerem rogar... Crucifixo de boa morte, se lhe pode chamar... E' por isso que o tenho em tanta estimação...

O homem havia minutos que respirava ruidosamente.

Chamando a si toda a sua coragem, gaguejou: "Não lhe sei dizer, senhor abade, se é por saber que foi capellão da Grande Piaule, ou se é por cousas cá de dentro... mas sinto... a modos como remorsos... de lhe ter feito aquillo ainda agora."

O padre não o deixou continuar: "Está bem... não falemos mais n'isso... E' certo que se não conduziu como devia ser... mas o que lá vae, lá vae... Então conte-me cá, meu filho, desabafe... O que é que tem? Desgostos? A vida é dura? Sim, sim, foi o que eu logo pensei... a vida custa a ganhar... não ha trabalho... uma pessoa vae-se ralando... exalta-se... e depois vem uma noite em que se perde a cabeça lá porque está escuro... Doidices, não é outra cousa... Deixe lá isso para a gente ruim... para a má gente... mas o amigo que teve educação... que aprendeu decerto o seu catechismo... não é verdade?..."

— Apprendi, sim senhor, mas não foi hontem...

— Já vê, bem dizia eu. E de mais a mais um antigo militar... Co'a bréca! Eu cá tenho uma tal sympathia pelos soldados e por tudo quanto é militar que se não tivesse entrado para o seminário, para o quartel é que eu ia... tão certo como estar aqui... Deixe lá falar... tudo isso não vale dois caracões. Tem lá as suas apouquentoções... Bem sabemos o que isso é... quem é que as não tem? Amanhã me contará isso tudo... venha beber um copito ao presbyterio... e tudo se ha de arranjar. Neste momento, vou a Thiézy levar Nosso Senhor, como já lhe disse, á pobre Doradoux, a guarda-barreira... Decerto me faz o favor de me acompanhar...

O homem resmungou: "Não faltava mais nada senão que eu recusasse acompanhar o sr. abade..."

— Ora isto é que é falar... Quando tivermos acabado, voltaremos ambos para Chauvigny, o amigo dormirá esta noite no presby-



Mont'Estoril. — Estabelecimento minero-medicinal do sr. José Vianna da Silva Carvalho

(Clichés de Abel Barradas — amador).

terio e amanhã de manhã, depois de eu ter dito a missa, conversaremos. Está entendido?...

— Está, sim senhor... Farei tudo o que mandar!

Quando entraram, um quarto de hora depois, no unico aposento que compunha o domicilio todo da guarda-barreira, não lhes foi necessario approximar-se da cama, onde a Doradoux jazia immovel e livida, para verem que estava já nas ultimas. Logo no limiar, o homem declarou por entre dentes: "D'esta não escapa ella, tão certo como dois e dois serem quatro... Então o abade, assistido por uma vizinha que viera velar a moribunda, começou a preparar tudo para a communhão. Enquanto desdobrava o capote e collocava em cima da commoda, entre duas vélas de cebo, a caixinha de prata dourada onde estava encerrada a hostia, o homem, de pé, passeava com pasmo tímido, o seu duro olhar pelas paredes nuas do quarto, pelos moveis modestos, pela alcova d'onde vinha o estertor da moribunda cujas feições exprimiam uma serenidade infavel. A um canto, em cima d'uma cadeira de palha, estava o seu chapéu de oleado, á maruja, mais a bandeira de lá escarlata enrolada no seu estojo de coiro. Nem um nem outro serviriam mais á pobre creatura.

E a vista de bandeirola que mostrava uma fimbria vermelha a sahir do seu estojo impressionou o miseravel e commoveu-o. Veiu-lhe á memoria a outra, a bandeira do 78, á sombra da qual tantas marchas fizera n'uma época honesta da sua vida.

Entretanto o padre, depois de haver recitado as preces do estylo, abriu o relicario de prata. A hostia, que elle mal parecia segurar entre os dedos, resplandecia agora toda branca e o seu alvor de neve enchia o quarto. Virando-se então, o sacerdote fitou, com infinita misericórdia, o bandido cujas pernas se puzeram a tremer e se dobraram, e que cahiu de joelhos, subjugado por sua vez. Depois approximou-se do leito. E no instante em que depunha o pé celeste nos labios que já não tinham quasi a força de o receber, a velha Doradoux, guarda-barreira, estendeu horizontalmente em todo o seu comprimento, o braço meio nú, — co no para indicar que a Via estava livre.

Henri Lavedan

(1) Prisão de Paris onde, depois do julgamento, os condemnados á morte esperam a commutação da pena ou a hora de expiarem o seu crime.

(2) Nome da prisão de la Roquette em gíria de ladrão e assassino.

Affirmações religiosas

O' meus queridos! O' meus Santos limociros!
O' bons e simpes padroeiros!
Santos da minha muita devoção!
Padres chupos! ó castanheiros!
Basta de livros, basta de livreiros!
Sinto-me farto de civilização!

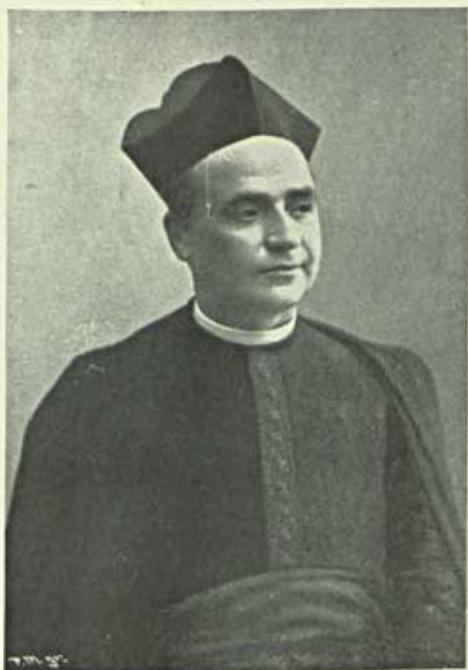
Rezae por mim, ó minhas boas freira*,
Rezae por mim escuras oliveiras
De Coimbra, em Santo Antonio dos Oliveas:
Tornae-me simples como eu era d'antes,
Sol de Junho queima as minhas estantes,
Poupa-me a «Biblia», Anthero... e pouco mais.

No mar da Vida cheia de perigos
Mais monstros ha, diziam os antigos,
Que nas aguas d'esse outro mar,
O que pensaes vós a respeito d'isto,
O' navegantes d'esse mar de Christo!
Heroes, que tanto tendes que contar?

Chorae por mim, ó prantos dos salgueiros,
Pois entre os tristes eu sou dos primeiros:
Lamentos ao luar, dos pinheiraes,
E vós, ó sombra triste das figueiras!
Chorae por mim, ó flôr das amendoeiras!
Chorae tambem, ó verdes cannaviaes!

E quando emfim, já farto de soffrer,
Eu um dia me iôr adormecer
Para onde ha paz, maior que n'um convento:
Cobri-me de vestes, ó folhas d'outomno,
Ai não me deixes no meu abandono!
Chorae-me, cyprestes, batidos do vento...

Antonio Nobre.



Padre Sebastião Leite de Vasconcellos

Director e fundador da Officina de S. José do Porto e actual Bispo de Beja

(Cliché de Pinho Henriques — Porto).

Onovo bispo eleito de Beja é um dos padres portuguezes que conquistou um nome aureolado de sympathias, tanto no seu paiz, como no estrangeiro. A obra de alta caridade a que se consagrou, fundando em 1883 a Officina de S. José que o Porto vê crescer e desenvolver-se na mais provada utilidade, bastava para fazer o elogio d'um esclarecido apostolo da beneficencia, que tem ido aos antros da miseria, aos centros da vadiagem e até ás prisões, buscar vadios a quem regenera pelo trabalho, instrue e educa pela moral e principios religiosos.

Elevado agora a um dos mais considerados postos na hierarchia ecclesiastica, o Padre Sebastião Leite de Vasconcellos não é um ignorado, nem um desconhecido. Tem exercido varios cargos e commissões de serviço no ministerio a que se consagrou com a mais decidida vocação, tem sido um orador sagrado, escutado sempre com applauso, e as ordens terceiras e irmandades do Porto e do paiz devem-lhe assignalados serviços.

No collegio onde foi educado aprendeu a imitar o santo fundador, que foi o Padre Balthazar Guedes, e nas suas viagens pelo estrangeiro colheu do Padre Bosco a dedicação para consagrar-se ao trabalho de regenerar a mocidade que o vicio e até o crime haviam transviado. A inspiração d'estes eloquentes modelos do apostolado da caridade christã incitou-o á prestigiosa empresa de fundar a Officina, que lhe tem custado os maiores sacrificios, valiosa instituição que tem sido já imitada em varias cidades do nosso paiz.

A biographia do novo bispo tem ainda estas notas interessantes: — Nasceu no Porto a 3 de maio de 1852, filho de modesta e honrada familia e entrou como porcionista para o Real Collegio dos Orfãos, d'onde sahiu com os primeiros exames para ir para Lisboa frequentar um instituto dos Padres da Companhia; d'ahi voltou ao seio da familia, concluiu os preparatorios no Lyceu e o curso ecclesiastico no Seminario do Porto em 1872, dizendo a primeira missa a 8 de dezembro de 1874, na egreja parochial de S. Ildefonso, onde havia sido baptisado; começou em 1871 a exercer o lugar de escrivão ajudante da Camara Ecclesiastica, foi nomeado registrador da mesma em 1876, distribuidor em 1880, e escrivão d'um dos officios do auditorio ecclesiastico em 1882. Foi approvado em concurso por provas publicas para parcho e esteve encarregado de auxiliar a distribuição da Bulla da Santa Cruzada. Nestas nomeações que tanto o honravam via-se a estima e alta consideração que lhe dava o seu inolvidavel prelado que era o Cardeal D. Americo. Por ultimo, o Padre Sebastião, tão estimado e tão popular na cidade do Porto, exerce com notavel solicitude o cargo de Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco, onde tem assignalado a sua energia e actividade, a sua dedicação beneficente, revelando os dotes superiores de espirito illustrado e coração bondoso, que tanto o tornam querido e até veneradissimo.

A mitra de Beja, collocada na frente d'um presbytero tão brioso e distincto, é uma justa consagração a decididos meritos e esclarecidas virtudes.

F. J. Patrio.

O maior prazer é esperar um prazer.

LESSING.

Não se ganha fama n'um leito de pennas.

DANTE.

O Barão de Colaço e Macuamára, José Daniel Colaço, nasceu em Tanger a 25 de junho de 1831. Foram seus paes Jorge José Colaço, consul geral e agente diplomatico de Portugal junto à corte de Marrocos, e D. Maria das Dóres Macuamára, natural de Cadiz e oriunda d'uma familia irlandeza.

Desde ha seculos que os nossos representantes no imperio marroquino são da familia Colaço, e assim este appellido tem adquirido um prestigio tão grande entre os mouros que estes, quando desejaram significar os feitos d'um christão illustre, apontavam como modelo o culto do representante de Portugal.

O illustre extincto era condecorado com a commenda da Ordem de Christo e com a de Izabel a Catholica, possuindo além destas outras distincções de varios paizes estrangeiros.

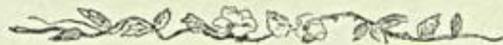
Era socio da Sociedade de Geographia e do Circulo Consular da Belgica e escreveu algumas obras interessantes e entre ellas a «Relação das dynastias marroquinas até ao actual sultão Muley El-Hassan». O fallecido era um funcionario distincto e um portuquez de velha tempera.

Lamentando profundamente a morte de tão illustre varão, enviamos a todos os seus a expressão do nosso mais sentido pesar.



Barão de Colaço e Macuamára

† 20 de setembro de 1907



Foi um homem corajoso o primeiro que comeu uma ostra.

■

SWIFT.

Limpar, remendar, varrer, são coisas grandes e doces se o amor anda com ellas.

W. SMITH.



Assumptos religiosos



Visitação

Cópia d'um quadro de Grão Vasco existente no Museu Nacional de Bellas Artes em Lisboa. Era do Convento do Paraíso em Evora

(Cliché de F. Martins — Lisboa).

THEATROS



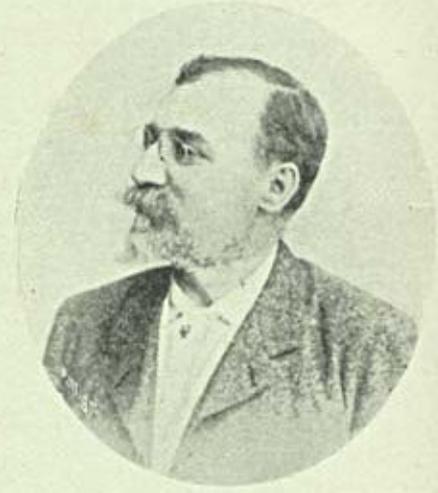
Pedro Bandeira

Auctor da «Lenda do Folle»
(Cliché de Magalhães — Porto).



Augusto Veras

O poeta da «Lenda do Folle»
(Cliché de A. A. Martins — Porto).



Manoel Benjamin

Auctor da musica da «Lenda do Folle»

Trindade, A lenda do folle. — **Principe Real**, O' da Guarda, quadros novos. — **Avenida**, O Tira Dentes. — **D. Amélia e Gymnasio**, Animatographos. — **Real Colyseu e Casino Paris**, sessões de Folies-Bergères. — **Paraiso de Lisboa**.

Não pode dizer-se que durante o verão findo estivesse em plenas férias theatraes o publico de Lisboa. É que parece haverem-se combinado algumas emprezas para demonstrarem que Lisboa no verão não é tão má como a pintam, e que chegam a ser rasoaveis e justos os que, sem excluir praias e thermas, consideram a capital a mais aprasivel estancia de verão.

Senão vejam: a **Trindade** abre com uma opereta por signal engraçadissima, cheia de interesse, com uma acção empolgante, personagens comicos e musica á altura.

A **Lenda do Folle** dos srs. Pedro Bandeira e Augusto Veras, sendo d'este distincto poeta os primorosos versos de que a peça é recheiada, agradou em toda a linha, porque é cheia de situações e de imprevistos, porque a graça portugueza á farta se espalha por todos os actos, porque a *mise-en-scène* é irreprehensivel, deliciosos os trechos de musica de Manoel Benjamin, e magistral o desempenho, sobretudo por parte de artistas consagrados como Queiroz, Santinhos, Delphina Victor, Gomes, Correia, e outros ainda.

No **Principe Real** a revista *O' da Guarda* ganhou fóros de immortalidade. Remoça cada noite e parece cada espectáculo uma inauguração, apesar de já ir caminhando para duzentas representações e de já ter sido celebrada a 150.^a em festa dos auctores. Elles tambem teem o cuidado de não deixar envelhecer a sua filha famosa e dilecta. Quando julgam que vem a despontar um cabellino branco tratam logo de lh'o fazer *desapparecer* e qualquer quadro

novo, qualquer *Rapto de Actriz*, vem dar-lhe a vida e a mocidade que cada vez a tornam mais viçosa e fresca.

Tambem não quiz tornar-se esquecido o theatro **Avenida** e com o *Tira Dentes* tem refrescado agradavelmente a memoria dos que n'aquelle theatro popular gosaram noites de espectaculos sensacionais.

Timbraram em não fechar as portas o **D. Amélia** e o **Gymnasio** e, á falta de companhias e peças, preencheram o espectáculo com sessões animatographicas; o **Real Colyseu**, como aquelles portuguezes d'antes quebrar que torcer, lá tem tido todas as noites sessões interessantes, variadas e baratas, alternando com o animatographo campeonatos de força e exhibições de numeros vistosos; o **Casino de Paris** reabriu as portas para continuação dos seus espectaculos *Folies-Bergères* e já agora, para fechar com chave de ouro, citar-se-ha aquelle que tem sido n'este verão a *great-attraction* da população da cidade e dos estrangeiros que estão em grande escala visitando a capital; o **Paraiso de Lisboa**. E' n'esse encantador recinto que a cidade dá ponto de reunião todas as noites. E' ahí que se exhibem numeros apparatusos dos grandes *music-halls* e casas de espectaculos de França, Estados-Unidos, Italia, Inglaterra e Hespanha. E' ahí que uma grande variedade de diversões, dois theatros, cinematographos, restaurant, carreira de tiro, skating-rink cinezootropo, glissagem, apparatus automaticos, attraem milhares de pessoas todas as noites e dão a esse pedaço da cidade um ar verdadeiramente europeu. Tudo allí tem um tom de civilisado e moderno, a começar pelos muros do **Paraiso**, em que os azulejos, admiravelmente pintados por Pereira Junior, com o talento e o *savoir-faire* d'este artista, dizem a toda a cidade o que são as grandes casas annunciadoras de Lisboa.

Vêem, por conseguinte, os caros leitores do *Brasil-Portugal*, que a Europa já não começa para lá dos Pyrenéos — na phrase pittoresca do velho Dumas.

